Homilia – Frei Danilo Nunes Soares, OFM

Na narrativa do Evangelho, Jesus conta a parábola da viúva e do juiz iníquo para mostrar aos discípulos que é preciso orar sempre, sem desanimar. Diante de um homem que não teme a Deus nem se importa com as pessoas, a viúva continua insistindo em fazer valer seus direitos. Sua persistência demonstra a força de alguém que não permite que a indiferença e a injustiça a vençam. Para Lucas, a oração não é uma forma de escapar da realidade, mas uma maneira de confiar em Deus e de assumir um compromisso com a justiça, especialmente em favor dos mais necessitados, dos vulneráveis e daqueles cuja voz nem sempre é ouvida.

A figura da viúva pode ser interpretada, nos dias de hoje, como a representação dos pequenos e dos excluídos, daquelas pessoas que, apesar de serem invisibilizadas pela sociedade, continuam clamando por justiça e lutando por sua dignidade. A persistência da mulher em pedir justiça nos recorda que nossa fé deve estar atenta aos clamores da realidade. Deus não é como o juiz iníquo: Ele é aquele que escuta os pedidos de seus filhos e faz justiça aos seus eleitos. Por isso, a pergunta que Jesus faz no final da parábola — “Mas, quando o Filho do Homem vier, será que Ele vai encontrar fé na terra?” — permite-nos refletir sobre o valor de uma fé perseverante, sobre a necessidade de uma escuta atenta das realidades concretas do nosso tempo e sobre a importância de uma resposta profética diante das situações de injustiça.

Se olharmos para as reflexões da Conferência sobre a vocação do Frade Menor, essa passagem nos ajuda a perceber que a identidade franciscana não depende dos cargos, das funções ou dos ministérios exercidos, mas da própria condição de irmão, que tem sua raiz no Batismo e se manifesta na fraternidade e na minoridade. Assim como a viúva não se calou diante da injustiça, o frade menor também não deve permanecer indiferente aos pedidos de ajuda do povo, especialmente daqueles que vivem nas periferias da vida e da sociedade. A fraternidade não pode ficar fechada em si mesma, mas deve transformar-se em um espaço de acolhimento, escuta, cuidado e promoção da vida.

A persistência na oração deve nos ajudar a transformar nossas relações e nossas estruturas. Para superar o clericalismo, precisamos deixar de lado as relações de superioridade e poder, reconhecendo a dignidade de cada irmão e a responsabilidade de todos na missão. A pergunta de Jesus continua sendo importante para nossas fraternidades: que tipo de fé estamos mostrando ao mundo? Uma fé que busca segurança em cargos e funções ou uma fé que se manifesta no serviço, na minoridade e no compromisso com a justiça?

Que o Senhor nos dê a persistência da viúva, a confiança de quem espera em Deus e a coragem de viver como irmãos menores. Afinal, como São Francisco nos recorda: “O Senhor me deu irmãos”. É nessa fraternidade, vivida como dom e missão, que nossa fé se torna testemunho do Reino e sinal de esperança para o mundo.